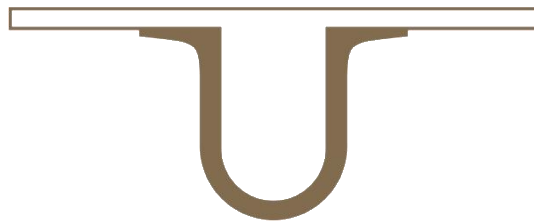




UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Marcella Prado Ignácio

**A NÁUSEA: UM ESTUDO SOBRE A ANGÚSTIA EM
JEAN-PAUL SARTRE**

Dissertação de Mestrado em Filosofia, orientada pelo Professor Doutor António Pedro Pita, apresentada ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2019

FACULDADE DE LETRAS

A NÁUSEA: UM ESTUDO SOBRE A ANGÚSTIA EM JEAN-PAUL SARTRE

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	A Náusea: um estudo sobre a angústia em Jean-Paul Sartre
Autor/a	Marcella Prado Ignácio
Orientador/a(s)	Doutor António Pedro Couto da Rocha Pita
Júri	Presidente: Doutor Alexandre Guilherme Barroso Matos Franco Sá Vogais: 1. Doutor Luís António Ferreira Correia Umbelino 2. Doutor António Pedro Couto da Rocha Pita
Identificação do Curso	2º Ciclo em Filosofia
Área científica	Filosofia
Data da defesa	17-out-2019
Classificação	15 valores



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Agradecimentos

Agradeço e dedico este trabalho aos meus pais MARia Goretti e MARcelo, por um MAR de motivos.

Aos meus avós, dos quais sinto saudades e à minha vó Cida pelos beijos jogados da janela, sempre que despeço.

Ao meu irmão e à sua esposa, por serem tão dispostos em me ajudar.

Aos tios, tias, primos e primas, pelo afeto.

Aos amigos, por serem tão amigos.

À família Cardinali, pela hospitalidade incondicional.

Agradeço imensamente ao meu professor orientador, que me guiou com maestria durante meu período de pesquisa.

RESUMO

O tema “A Náusea: Um estudo sobre a angústia em Jean-Paul Sartre”, justifica-se pela possibilidade de examinar simultaneamente literatura e filosofia, na medida em que a primeira permite ao leitor experienciar as sensações narradas por Sartre, no texto *A Náusea*, e portanto, vivenciar efetivamente seu conceito; aliás, descrito em *O ser e o nada*, de forma bastante cabível, todavia abstrata e inexpressiva sob a perspectiva da experiência. Trata-se como problema, de uma tentativa de promover a compreensão da *angústia* com o auxílio da literatura. Para tanto, serão objeto de estudo desta pesquisa os dois referidos livros de Sartre, assim como a conferência *O existencialismo é um humanismo*, dando-se especial ênfase aos conceitos sartrianos julgados mais relevantes para compreensão da condição ontológica do ser humano, que é ser livre (*para-si*, em diferença ao que é *em-si*), portanto inteiramente responsável pelo que faz de si e por sua existência (*responsabilidade, má-fé e angústia*).

Palavras-chave: 1. Para-si; 2. Em-s; 3. Responsabilidade; 4. Má-fé.

ABSTRACT

“Nausea: a study about the concept of anguish in Jean-Paul Sartre”

The theme “Nausea: a study about the concept of anguish in Jean-Paul Sartre”, is justified by the possibility of examining literature and philosophy, to the extent that the first allows the reader to experience the sensations narrated by Sartre, in the text *Nausea*, and therefore, effectively experience its concepts, described in *Being and Nothingness*, however, in a very abstract and reasonable way, bit inexpressive under the perspective of experience. As a problem, it is an attempt to promote the understanding of anguish with the help of literature. To this end, the two books of Sartre will be the object of study of this research, as well as the conference The existentialism is a humanism, with special emphasis on the Sartrean concepts considered most relevant for understanding the ontological condition of the human being, which is to be free (for oneself, in difference to what is being-in-itself), therefore entirely responsible for what makes of oneself, for their existence (responsibility, bad faith and anguish).

Keywords: 1. Being-for-itself; 2. Being-in-itself; 3. Responsibility; 4. Bad faith.

Índice

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I.....	3
CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	3
“Para-si” e “Em-si”	7
Liberdade, responsabilidade e angústia.....	8
CAPÍTULO II	13
Uma experiência existencial da angústia.....	13
A náusea	26
CONCLUSÃO	39
BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS	40

INTRODUÇÃO

A decisão pelo presente tema “A Náusea – Um estudo sobre a angústia em Jean-Paul Sartre”, justifica-se pela possibilidade de examinar simultaneamente literatura e filosofia, na medida em que a primeira permite ao leitor experimentar as sensações narradas por Sartre, no texto *A Náusea*, e portanto, vivenciar efetivamente seu conceito, aliás, descrito em *O ser e o nada*, de forma bastante cabível, todavia abstrata inexpressiva sob a perspectiva da experiência.

Trata-se como problema, de uma tentativa de promover a compreensão da *angústia* com o auxílio da literatura, único modo de viver com o personagem, desde o início, esse doloroso e interminável processo. Para tanto, serão objeto de estudo desta pesquisa os dois referidos livros de Sartre, assim como a conferência *O existencialismo é um humanismo*.

A dissertação se dividirá em duas partes: na primeira serão tratados os conceitos sartrianos julgados mais relevantes para compreensão da condição ontológica do ser humano, que é ser livre (*para-si*, em diferença ao que é *em-si*), portanto, inteiramente responsável pelo que faz de si e por sua existência (*responsabilidade, má-fé e angústia*).

Note-se, que muito se falará de liberdade, tendo em vista que não se é possível falar de Sartre sem se remeter ao livre exercício das escolhas e dos modos pelos quais cada qual opta por uma coisa ou por outra, ou ainda cria uma terceira possibilidade, sendo a escolha a única via pela qual o homem se faz no mundo, porquanto ser é escolher-se.

A segunda parte trará à tona as densas experiências do personagem Antoine Roquentin – dilacerado emocionalmente ao dar-se conta da ausência de sentido em sua vida e também da responsabilidade pelas suas escolhas e que de alguma forma precisa aprender a lidar com todos os possíveis desdobramentos trazidos com essa vivência, que vão desde a sensação de vazio até às percepções físicas: táteis, gustativas, olfativas, portanto nauseantes. Nesse capítulo a intenção é aproximar a conceituação da experimentação de um certo desconforto, todavia, inevitável ao entendimento efetivo dos conceitos basilares das obras aqui tratadas. Observe-se que para melhor compreensão, opta-se pela elaboração de resumos dos momentos mais significativos da obra, os quais serão sustentados pela reprodução integral de trechos importantes. Outrossim, preferiu-se manter o recuo de todas as citações, mesmo das menores. Cabe registrar que no

presente estudo, a Náusea será sempre referida com letra maiúscula, tendo em vista que no romance, uma vez que Antoine se apercebe dominado por essa sensação de enjoo, Sartre passa a nomeá-la dessa forma.

CAPÍTULO I

Pesa-me, realmente me pesa, como uma condenação a conhecer, esta noção repentina da minha individualidade verdadeira, dessa que andou sempre viajando solenemente entre o que sente e o que vê.

Fernando Pessoa

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi certamente o autor mais conhecido e representativo entre os existencialistas, sendo que em uma de suas conferências mais explicativas, *O existencialismo é um humanismo*, proferida originalmente em Outubro de 1945, o filósofo explana de forma bastante clara o existencialismo ateu francês, sendo imperioso destacar que mencionada palestra foi imprescindível ao enfrentamento das severas críticas ao seu pensamento existencialista, e justamente lançadas por forças sociais antagônicas, sendo destaque o movimento marxista e a religião cristã, e é justamente com um enfoque humanista que Sartre expõe a defesa de sua teoria.

Sartre distingue em sua conferência duas diferentes vertentes de existencialismo: o cristão e o ateu. Na primeira vertente, o autor inclui autores como Karl Jaspers (1883-1969) e Gabriel Marcel (1889-1973) e na segunda, Martin Heidegger (1889-1976) e ele próprio. Ateu ou cristão, os dois diferentes tipos de existencialismo mencionados por Sartre convergem no mesmo ponto: a existência precede a essência, o que significa dizer que não há nenhum tipo de determinismo e nem há natureza humana. O homem está lançado no mundo, sem nenhuma razão de ser e tem sua vida em suas mãos. Só existe na medida em que se faz, que se projeta para ser. O homem, por assim dizer, primeiro existe, surge no mundo, se descobre e só assim se define. Portanto, tal como descreve o existencialismo, o homem não é definível, tendo em vista que é primeiramente nada. Só será na medida em que se fizer.

O existencialismo enfrentou críticas severas, tendo, simultaneamente, sido atacado por marxistas e religiosos, sendo de um lado acusado de enaltecer o quietismo e resultar numa filosofia meramente contemplativa e, portanto, uma filosofia burguesa, e pelo outro, por destacar a mediocridade humana, de faltar com a solidariedade ao considerar o homem um ser isolado. Foi também apontado de negar a realidade e

seriedade dos esforços humanos, porquanto, uma vez ignorados os mandamentos divinos, restaria apenas a estrita gratuidade, de modo que cada indivíduo poderia fazer o que bem entendesse, e ainda foi muito criticado por acentuar o lado ruim da vida humana e por isso chamado de muito sombrio.

Os marxistas responsabilizam o existencialismo sartriano de situar o homem em um universo desprovido de sentido e completamente absurdo, onde ele se encontra desolado, e por isso, perde total e qualquer motivação de agir. Já o cristianismo acusa o existencialismo de apenas destacar os aspectos sórdidos e negativos da existência humana, já que com a supressão de Deus, o homem não está mais conectado a nenhum tipo de determinismo, e portanto deixado e entregue à sua vontade, ao seu bel prazer, podendo dessa forma agir como bem entendesse. O principal intuito de Sartre ao pronunciar-se em conferência, foi justamente o de se defender contra todas essas acusações severas, sendo pertinente destacar a sua fala:

Eu gostaria, aqui, de defender o existencialismo de algumas acusações que lhe tem sido dirigida. Primeiramente, acusaram-no de estimular as pessoas a permanecerem em certo quietismo desesperançado uma vez que, sendo as soluções inacessíveis, dever-se-ia considerar que a ação neste mundo é totalmente impossível, e de levar as pessoas a uma filosofia contemplativa, algo que, sendo a contemplação um luxo, nos conduziria a uma filosofia burguesa. Essas são, sobretudo, as críticas dos comunistas. Por outro lado, acusaram-nos de acentuar a ignomínia humana, de expor aos quatro ventos o sórdido, o suspeito, o viscoso, e de negligenciar certas coisas belas, alegres, o lado luminoso da natureza humana [...]. (SARTRE, 2014, p. 19-20)

É importante salientar que todas as críticas apresentadas à doutrina em discussão foram prontamente enfrentadas com veemência. A quantidade de críticas pelo autor recebidas de movimentos que são absolutamente contrários em suas práticas e doutrinas, só relevam ainda mais a importância do pensamento sustentado por Sartre.

Ocorre que quase a totalidade dessas críticas é originária da falta de compreensão ou, melhor dizer, de apreensão dos seus principais fundamentos, em especial os desenvolvidos por Sartre, que traduzem o existencialismo como um humanismo pagão e numa forma de pensar de modo consistente a relação entre filosofia e a vida.

Vale destacar que o existencialismo ateu não é de forma alguma um esforço para comprovar a não existência de Deus. Essa vertente apenas quer salientar que ainda que existisse uma força superior, esse fato não poderia salvar o homem de seu constante projeto. Existir ou não um Deus não é, para Sartre, o problema da existência. O autor deseja apenas que o homem se reencontre e que se convença de que nada poderá salvá-lo de si mesmo, nem mesmo a prova concreta de uma força divina. É nesse sentido que o filósofo defende o otimismo de sua tese, já que ela pode ser considerada como uma doutrina de ação, que nada tem a ver com desespero ou quietismo como acusaram os cristãos e os marxistas.

Em linhas gerais, pode-se afirmar que autor deseja libertar o homem de amarras deterministas, e que, portanto, deseja que o homem agarre novamente as rédeas de sua vida, para que assim possa realizar o seu projeto e exercer plenamente a sua liberdade:

[...] o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar. Assim, não há natureza humana, pois não há um Deus para concebê-la. O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, [...], o homem nada é além do que ele se faz. (SARTRE, 2014, p. 25)

Cabe registrar que o *nada* citado por Sartre não significa dizer que o homem seja algo sem importância e inexpressivo. Quando o autor descreve o homem como *nada*, ele apenas reconhece a sua total liberdade e sua capacidade de se moldar de acordo com as escolhas feitas. Por outro lado, o determinismo limita essa liberdade que está no âmago do homem, na medida em que carrega consigo sentidos, valores e razões pré-estabelecidas para o ato humano, o que gera a falsa ideia de essência prévia, e por consequência impõe um limite na capacidade humana de se automodelar.

É oportuno salientar que é o cerne do existencialismo sartriano o entendimento de que a existência precede a essência, o que significa dizer que não há no sujeito nada que o guie previamente, que o determine ou o impulsione. Não há nenhum tipo de natureza humana, uma vez que não há Deus ou nenhuma espécie de ser superior para a conceber. O homem é e será o que ele quiser ser, a partir da constituição do seu projeto, portanto, ele será o que ele concretizar a partir da sua existência. Ele projeta para fora de si, se impulsiona para o futuro e se escolhe a todo o instante. O homem é poroso, e, portanto, aberto ao mundo, em constante processo de mudança.

É reconhecido pelos existencialistas que o homem é angústia, condição deflagrada em razão de sua eterna condição de fazer-se, de escolher-se a todo o instante, afastado de pré-determinismos até então atribuídos à existência humana.

É importante dar relevo que ao escolher a si, o homem escolhe a humanidade inteira e quando se apercebe da responsabilidade de seus atos e suas reais consequências, torna-se impossível fugir do estado de angústia resultante disso. Note-se que o homem jamais pode se olvidar de decidir, sendo claro que a própria omissão é também uma escolha, de sorte que não se pode escusar, sob nenhum pretexto, eis que o não agir também traz resultados.

O pensamento existencialista declina que o homem está desamparado, na medida em que desprovido de uma essência ou pré-determinismo, nasce sem um destino a ser cumprido, o homem faz o caminho e é também o caminho. Sendo o único protagonista de sua vida, é o inteiro responsável por si mesmo, já que ausentes valores basilares que o orientem na conduta e lhe sirvam de estímulo. Outra característica do homem existencialista é o desespero resultante desse desamparo por si constatado, na medida em que pode contar apenas consigo próprio, não podendo se valer de qualquer apoio externo a ele.

Em aliança com esse entendimento, Sartre firmou uma nova relação entre o sujeito e objeto, de modo a apurar o processo pelo qual o conhecimento se constitui, e partindo em especial da premissa de que a consciência não é mais tida como uma coisa pensante e sim um movimento, ou seja, que no processo do conhecimento ela vai em direção às coisas. Defende que a consciência não é um ego transcendental e afirma que consciência é puro movimento, sendo que não há ego ou qualquer refúgio, não há amparo, a consciência não é nada, ela é sempre consciência de alguma coisa, é um nada, e esse raciocínio torna-se o centro de seu pensamento.

Sartre defende, pois, que a consciência é um vazio e se lança na direção das coisas, sem contudo se apoderar delas e reforça a ideia de que seja um simples movimento, e a isso ele chama de intencionalidade e defende ainda a limpeza da consciência, a fim de restabelecer a verdadeira relação entre consciência e o mundo, ou se preferir, entre sujeito e objeto. Trata-se de recuperar a consciência como esse vazio, o que ele denomina de consciência posicional, na medida em que sendo consciência de alguma coisa, ela se posiciona frente aos objetos. Nessa oposição vazio e as coisas, Sartre

desenvolve sua ontologia, distinguindo o ser “para-si” e o ser “em-si”, o que será tratado a seguir.

“Para-si” e “Em-si”

O primeiro passo para se entender o conceito de “para-si” sartriano é apreender que este “para” significa que a consciência se lança para fora, contrariamente ao que possa parecer, pois até então, “para-si” seria entender, voltar-se para dentro de si, seus valores, seus amálgamas. Sartre vai justamente no caminho contrário, na medida em que reconhece a consciência como um nada e, portanto, não há volta reflexiva para si, porque esse “si”, como centro da concepção sartriana de sujeito, está fora. Dessa forma, para chegar a si mesmo, é imperioso que o homem se lance para fora, num movimento constante, pois nunca se completa.

Note-se que o “para-si” não é uma realidade em si mesma, não pode ser caracterizada como um ser “em-si”, trata-se da consciência como um movimento, como vir-a-ser, tornar-se: O para-si é temporalização: significa que ele não é; ele se faz (SARTRE, 2013). O para-si é ação e movimento, autocria-se continuamente.

Abstrai-se do pensamento sartriano que não existe Deus, não existe moral pré-estabelecida, o homem é liberdade (SARTRE, 2010). Em *O existencialismo é um humanismo* (Sartre, 2014). Sartre defende veementemente o fato de que o homem é liberdade e cita Dostoievsky: (apud, 2014) “Se Deus não existisse, tudo seria permitido”; nisso está a chave do existencialismo sartriano, pois, sem a existência de um ser criador, é o homem que se cria a cada instante. Não existe, pois, unidade instauradora, portanto, o homem é quem legitima suas ações e é plenamente responsável pela sua condição de ser “para-si”, o que significa o exercício pleno de escolhas, sem atribuir responsabilidade a quem quer que seja:

[...] não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. [...], se Deus não existe, não encontraremos à nossa disposição valores ou ordens que legitimem o nosso comportamento. (SARTRE, 2010, p. 33)

Eis o fundamento básico do existencialismo sartriano: o homem é livre, está lançado no mundo sem nenhuma razão aparente pré-determinada para seus atos e sem desculpas para suas ações. É ele que deve dar sentido à sua existência, que é a princípio um nada. E sempre o será. O homem deve se fazer a cada instante. Ele não é pleno, não é

preenchido com nenhum tipo de essência humana previamente estabelecida. Não há nenhuma força divina que determinará o seu destino. No existencialismo ateu o homem é o seu próprio Deus, sendo ele próprio sua força impulsionadora. Não há razão externa de ser. O homem é, portanto, o seu próprio artífice.

Fica claro no pensamento sartriano que se viver é um processo, fazer-se é um projeto. E é projeto no sentido de algo inacabado, em constante mudança, sempre em construção e com a certeza de que se depende somente de si próprio, porquanto, se é desprovido de uma essência humana que o predetermine e tampouco há algo lhe seja predestinado. Sartre é categórico ao afirmar que o homem, sem nenhum tipo de apoio nem auxílio, está condenado a inventar a cada instante o homem (SARTRE, 2010).

Por outro lado, e se contrapondo ao “para-si”, temos o “em-si”, que é tudo que não o homem, tudo aquilo que não se faz a si mesmo e que, portanto, não é livre, é determinado “em si”: O traço fundamental que caracteriza o em-si reside em sua identidade perfeita (BORNHEIM, 1971). Enquanto o homem, sendo “para-si”, liberdade, inventa a cada instante o homem. Neste sentido mesmo é que Sartre afirma, em *O ser e o nada* (2013), que a consciência é um nada, de modo a expressar esse vazio do “para-si” em relação ao “em-si”. De acordo com Sartre:

O Em-si é pleno de si mesmo, e não poderíamos imaginar plenitude mais total, adequação mais perfeita do conteúdo ao continente: não há o menor vazio no ser, a menor fissura pela qual pudesse deslizar o nada. (SARTRE, 2013, p. 122).

A consciência é o nada, o sujeito; e o ser, é esse ser “em-si” que está diante da consciência. Note-se que a consciência é um nada e que para defini-la é imprescindível relacioná-la ao ser “em-si”, porquanto só podemos defini-la em relação ao ser “em-si”, já que a consciência é a consciência de alguma coisa. Assim, o “para-si” se constitui como uma negação do ser “em-si”.

Fica claro que Sartre afasta completamente a ideia da filosofia tradicional de que a consciência é uma coisa em si mesma, e ainda, de que o homem é puro resultado da situação histórica, apesar de evidentemente não negar a facticidade e ter plena consciência do quanto a sociedade e as condições factuais o restringem, mas destaca que o homem é o agente da história e precisa se apoderar dessa condição, ao invés de se colocar como refém dela.

Liberdade, responsabilidade e angústia

Em *O ser e o nada*, Sartre (2013) tem como temática a liberdade, e por via de consequência, a intencionalidade da ação, presente até mesmo na omissão, o que significa dizer que apesar de quaisquer condições factuais, o sujeito não tem outra escolha senão escolher. Dirá Sartre: A escolha é possível num sentido, mas o que não é possível é não escolher (SARTRE, 1973).

Repita-se que Sartre não despreza as condições factuais, pois delas o homem não pode se afastar, fingindo que não existem. Todavia, ele não resulta exclusivamente dessas condições, ele é o que ele faz de si a partir de sua facticidade, deve se reconhecer como um agente histórico, que produz a história, e nesse ponto o pensamento sartriano destaca o engajamento como única maneira responsável de se posicionar diante do mundo:

[...] se realmente a existência precede a essência o homem é responsável pelo que é. Assim, a primeira decorrência do existencialismo é colocar todo homem em posse daquilo que ele é, e fazer repousar sobre a ele a responsabilidade total por sua existência. (SARTRE, 2010, p. 26).

O ser humano, livre de essência prévia, está condenado a se projetar a cada instante. Mesmo não podendo ignorar suas condições factuais, o homem não resulta delas. Antes disso, ele é o que escolhe se projetar a partir dessas condições, o que ele escolhe fazer a partir de sua facticidade. Por essa razão, o homem deve se afirmar como agente histórico, sendo o engajamento a única forma responsável que o homem encontra de se estabelecer diante do mundo. Se a existência precede a essência então todo ser humano tem a responsabilidade em suas mãos pelo que ele é e pelo que ele se tornará a partir de suas escolhas: é essa a chave do existencialismo, colocar o homem em posse de sua própria vida, para que ele seja o artesão de seu próprio destino e que assuma plena responsabilidade de sua própria vida.

Destaca-se que liberdade não pode ser tomada como um mero atributo, e ainda não se pode esquecer que o homem é livre, independentemente das condições factuais. Pelo olhar sartriano existem duas formas de se lidar com a liberdade: pode-se agir de má-fé ou pode-se ser responsável pelas próprias escolhas – engajado. Agir de má-fé é uma tentativa de fugir das responsabilidades impostas pela liberdade e que sempre resultará infrutífera:

[...] má-fé [...] é mentir a si mesmo. Por certo, para quem pratica a má-fé, trata-se de mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável. A má-fé tem na aparência, portanto, a estrutura da mentira. Só que – e isso muda tudo – na má-fé eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo. (SARTRE, 2013, p. 94).

Agindo de má-fé o homem tenta se convencer de que assim o fez por conta de condições externas e que, portanto, foi coagido a fazê-lo. De acordo com Sartre, a má-fé, dizíamos, tem por objetivo colocar-se fora de alcance; é fuga (SARTRE, 2013: 113). Dessa forma, fragmenta a responsabilidade de suas escolhas e mascara para si mesmo uma verdade embaraçosa, uma verdade que conseqüentemente irá gerar uma ação que o tirará de sua zona de conforto.

É importante esclarecer que a má-fé se diferencia da mentira, pois na má-fé existe apenas uma consciência envolvida – a consciência daquele que se auto engana; diferentemente da mentira, que envolve duas ou mais consciências, sendo a mentira firmada pela proposta de enganar outros sujeitos. Sartre esclarece essa questão da seguinte forma:

A essência da mentira, de facto, implica que o mentiroso esteja completamente a par da verdade que esconde. Não se mente sobre o que se ignora; não se mente quando se difunde um erro do qual se é vítima; não se mente quando se está equivocado. O ideal do mentiroso, seria, portanto, uma consciência cínica, que afirmasse em si a verdade, negando-a em suas palavras e negando para si mesma esta negação. (SARTRE, 2013, p. 93).

A má-fé se trata, portanto, de uma tentativa do para-si de ser completo, de negar a si mesmo a sua nadificação e constante necessidade de afirmação de seu projeto, colocando assim a sua responsabilidade de agir e fazer-se a todo o instante em fontes terceiras. Agindo de má-fé o homem se projeta numa essência, refugia-se em escusas e num suposto destino a ele previamente estabelecido. Aquele que age dessa forma quer encontrar conforto em seu passado e também se ver livre de sua total responsabilidade diante de suas escolhas presentes e futuras.

De acordo com Sartre, ser é *escolher-se* (SARTRE, 2013), portanto, o homem se faz no mundo, ele se escolhe a todo instante e, ao engajar-se, e mesmo quando se omite, ele também escolhe por todos os homens; posto que sua ação instaura, concretiza um possível para todos os demais:

Quando dizemos que o homem faz escolha por si mesmo, entendemos que cada um de nós faz essa escolha, mas, com isso, queremos dizer também que ao escolher para si, cada homem escolhe por todos os homens. (SARTRE, 2010, p. 27).

Toda escolha individual influencia, necessariamente, a escolha de toda humanidade. Quando instauro para mim algo como sendo possível, abro também essa

possibilidade ao meu próximo. Por essa razão, quando escolho o meu destino, escolho também o de toda humanidade.

Justamente por ser livre e por poder escolher, o homem que é verdadeiramente responsável pela sua escolha, não consegue fugir do sentimento de angústia, já que, ao escolher a si, segundo Sartre, escolhe a humanidade inteira:

O existencialista costuma declarar que o homem é angústia; isso significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas o que escolhe ser, mas é também um legislador que escolhe ao mesmo tempo o que será a humanidade inteira, não poderia furtar-se do sentimento de sua total e profunda responsabilidade. (SARTRE, 2010, p. 28).

O sentimento de angústia pode ser descrito, em linhas gerais, como sendo a prova que fazemos da nossa liberdade. O ser humano é fundamentalmente livre, mas tenta a todo momento fugir de sua liberdade, uma vez que precisa escolher a cada instante o sentido de sua existência é extremamente angustiante. O homem está jogado no mundo, sua vida é contingente e ele é quem deve dar sentido a ela a todo momento. Não há nada que o retenha, nada que o impeça, a não ser sua vontade ou não de agir e concretizar seus projetos.

Nota-se que esse raciocínio somente é possível partindo-se do princípio de que a existência precede a essência e, portanto, cada escolha referenda um comportamento e abre aos demais sujeitos uma forma de agir. Pois, justamente por ser aberto, o homem é possibilidade, é poder-ser, quer dizer que se escolhe a todo instante e, não tendo uma moral previamente determinada, ele decide o que será o será de si e também assim o faz para a humanidade toda. Na conferência já mencionada, Sartre destaca as palavras de Ponge: O homem é o futuro do homem (SARTRE, 2010).

Como já foi dito, não há como o homem escapar da liberdade, e Sartre sintetiza essa constatação em uma de suas mais célebres frases: o homem está condenado a ser livre (SARTRE, 2010), não lhe sendo permitido, de acordo com eventual conveniência, ser ou não ser livre. Quer dizer, o homem não poderia ser ora livre, ora escravo: é inteiramente e sempre livre, ou não o é (SARTRE, 2013):

É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer. (SARTRE, 1973, p. 15).

Está condenado porque não tem outra alternativa senão a de ser livre e de se escolher a todo o momento. O homem não tem para onde fugir de si e não pode se furtar de sua característica fundamental: é livre e sua omissão é também uma escolha. O homem

deverá arcar com a responsabilidade de suas escolhas por toda a sua vida. Quando diz um sim, dirá mil não. Ao escolher um caminho a seguir, o homem escolhe as dores e os prazeres desse caminho e é quase impossível que ele não se pergunte como teria sido se tivesse escolhido seguir uma direção diferente, por isso também o homem se angustia.

Ao se deparar e tomar consciência dessa liberdade, e que suas escolhas implicam em escolher para a humanidade, o sujeito se depara com a angústia:

[...] é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesma em questão. (SARTRE, 2013, p.72).

A angústia é condição flagrante da nossa liberdade e o homem que se engaja verdadeiramente compreende o peso que sua ação acarretará não somente em sua vida, mas também em toda a humanidade:

Aquele que realiza na angústia sua condição de ser arremessado em uma responsabilidade que reverte até sobre sua derrelição já não tem remorso, nem pesar, nem desculpa; já não é mais do que uma liberdade que se revela perfeitamente a si mesmo e cujo ser reside nesta própria revelação. Mas, como sublinhamos no início dessa obra, na maior parte do tempo fugimos da angústia na má-fé. (SARTRE, 2013, p. 681).

Observa-se pois, que ao se constatar como um ser lançado no mundo dotado de total liberdade e que se trata, a rigor, de um projeto em constante construção, e ainda diante da certeza de que o passado não pode ser corrigido e de que o futuro é uma incógnita, sem desprezar as condições factuais, o homem responsável, que sabe que suas escolhas repercutem para toda humanidade, se deparará inevitavelmente com a angústia e desse sentimento não se livrará.

Sartre sintetiza da seguinte forma: a consequência essencial de nossas observações anteriores é a de que o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser (SARTRE, 2013).

Resta claro, portanto, que aquele que não se refugia na má-fé, que reconhece a contingência de sua existência e que entende ser absolutamente responsável e agente histórico não poderá jamais se esquivar do sentimento de angústia. É válido dizer que a angústia não é um sentimento paralisador, mas deve ser compreendido como um motor de ação. O homem que retoma as rédeas de sua vida, livre de essência e determinismos, decide sua existência a cada passo de sua vida, bem como de toda humanidade.

CAPÍTULO II

É tão difícil descrever o que se sente quando se sente que realmente se existe, [...]. Não sei se estou com febre, como sinto, se deixei de ter a febre de ser dormido na vida.

Fernando Pessoa

UMA EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL DA ANGÚSTIA

A Náusea é o primeiro romance publicado de Sartre e nele são tratados, de forma ficcional, os princípios do existencialismo, os quais serão posteriormente entabulados na sua mais consagrada obra: *O ser e o nada*. Mas será em especial a angústia a questão exaustivamente tratada em *A náusea*; publicada em 1938. Vale ressaltar que teve sua publicação negada por vários editores, e inicialmente foi nomeado como *Melancolia*.

Jean-Paul Sartre fundamentou seus romances e suas peças literárias nos pilares do pensamento existencialista por ele desenvolvido. O principal propósito da escrita literária sartriana seria o de desvelar para o leitor uma possível solução simbólica para os impasses existenciais do ser humano, ou seja, o de ser uma rota viável de elucidação do mundo, bem como de afirmação da liberdade humana. Autor e leitor firmam uma relação dialética, e manifestam, de forma recíproca, a liberdade um do outro. O autor, ao revelar sua liberdade através da escrita, desvenda simultaneamente, a liberdade do leitor. O filósofo francês afasta de suas narrações qualquer vestígio determinista, tendo em vista que seu principal interesse é sempre o de evidenciar a liberdade e os desassossegos humanos, que estão normalmente inseridos em uma era de dificuldades políticas, culturais e sociais, na qual, por intermédio de sua arte engajada, o escritor pode trazer à tona para o leitor uma reflexão crítica sobre a responsabilidade humana. O escritor almeja, ao se apoiar na literatura, que é indubiosamente uma ferramenta privilegiada para a exposição de ideias, alcançar a sociedade como um todo e não apenas o meio intelectual. Aliás, o que ratifica a postura engajada do autor.

Com a sua literatura, Sartre questiona a racionalidade ocidental fixada a dogmas deterministas e a valores pequeno-burgueses que submetem o homem a uma moral pré-estabelecida. Valendo-se da literatura como fio condutor, Sartre apresenta ao leitor um

modo novo de encarar o mundo e as relações humanas. O que se infere na teoria sartriana é que a concepção de homem é dialética e histórica, porquanto o homem somente poderá ser compreendido de acordo com sua história individual e com vistas ao contexto social ao qual estava emergido e se sustenta essencialmente na noção de que ao mesmo tempo em que homem se faz, ele também é feito a partir da sua facticidade e da sua situação.

A Náusea, foi escrita sob a forma de um diário, onde está presente uma narrativa linear que acompanha tanto o tempo cronológico quanto o psicológico, tendo como protagonista Antoine Roquentin, que se trata de um historiador com cerca de trinta anos, erudito e muito viajado e que decide largar tudo e se dirige à cidade de Bouville ("boul" indicando "lama" – cidade da lama) com o objetivo de escrever a biografia de um certo marquês que vivera na cidade durante o século XVIII. Ocorre que já no início dos trabalhos, Roquentin se desinteressa pelo biografado e também é acometido por um desencanto pela sociedade e condição humana, sendo tomado por uma estranha sensação de aversão ao ser humano e sua condição existencial, em especial quando se apercebe que a existência humana é uma contingência e que a existência precede a essência, sendo contudo essa realidade constantemente negada pela humanidade, que vive à busca de uma essência e implementa mecanismos capazes de tornar a existência mais suportável.

O protagonista, por meio de profundas reflexões, dá-se conta que sentir a existência resulta do ato de pensar, de modo que estamos, inexoravelmente, presos à existência, na medida em que o caminho do pensamento e a chegada ao sentimento de existir são inseparáveis e a consciência dessa prisão sem rota de fuga é tão vívida que lhe provoca náusea.

Jean-Paul Sartre inaugura o romance *A Náusea* com uma frase bastante impactante na epígrafe de seu livro, com imenso significado e que muito bem representa o personagem principal, Antoine Roquentin: “*É um rapaz sem importância coletiva; é apenas um indivíduo.*” (SARTRE, 2011, p. 09). Esse trecho foi retirado da obra *A Igreja*, de autoria do escritor de origem argelina Louis-Ferdinand Celine (1894-1961). De acordo com Luis Anderson Moraes Diaz (2017) em seu artigo *Roquentin, Contingência e Náusea*, “essa frase parece de certa forma preconizar o que encontraremos sobre a vida de Roquentin, alguém que não apresenta importância social nenhuma.” De fato, Antoine é um homem bastante pacato, solitário, sem raízes, sem interações sociais significativas, discreto e que se limita a frequentar poucos lugares. O que o difere dos demais habitantes de Bouville é o nível de consciência que ele atingirá a respeito da contingência da

existência no período em que seu diário é escrito. Os cenários da trama se limitam a poucos lugares. Roquentin frequenta a biblioteca, o Café Mably, o Rendez-Vouz des Cheminots, o jardim público da cidade de Bouville e o quarto que aluga na hospedaria onde mora.

Ao contrário do que possa parecer, cabe registrar que a “nota dos editores” (SARTRE, 2011, p. 11), descrita após a epígrafe do romance, compõe a obra ficcional em estudo e nela Sartre procura trazer um tom de veracidade aos acontecimentos que serão relatados durante o enredo da obra, conforme a transcrição “esses cadernos foram encontrados entre os papéis de Antoine Roquentin, e estão sendo publicados sem nenhuma alteração.” (SARTRE, 2011, p. 11). O filósofo francês constrói uma breve imagem de seu personagem principal e mune o leitor com características essenciais sobre Roquentin. Nesse trecho do romance é possível situar o personagem em seu tempo e espaço. Recebemos de Sartre informações sobre o passado de Antoine bem como de seu presente. Como foi dito anteriormente, ele é um homem que visitou muitos países, muito instruído, e que, por razões profissionais, se estabeleceu em Bouville para escrever uma biografia.

Ocorre que Antoine é acometido subitamente por uma sensação de aversão pela cidade que vive e pela condição existencial das pessoas que o cercam. Ele percebe que os habitantes de Bouville se limitam a determinismos e vivem uma vida cheia de má-fé, o que muito o incomoda. Com o passar dos dias se sente cada vez mais diferente e distante desse grupo. Ao notar essas mudanças, o personagem toma a decisão de escrever um diário, para que ele possa registrá-las dia a dia, e, dessa forma, tentar compreender o que foi que mudou em sua vida. Antoine tem a sensação de estar enlouquecendo e, por esse motivo, ele julga necessário anotar sua rotina e suas sensações como uma forma de ordenar melhor seus pensamentos, já que há nele um sentimento de estranheza com o ambiente que o cerca. É, portanto, de suma importância detectar se quem mudou foi ele, as pessoas que o cercam ou os seus arredores, como o próprio personagem descreve nas primeiras páginas de suas anotações:

O melhor seria anotar os acontecimentos dia a dia. Manter um diário para que possam ser percebidos com clareza. Não deixar escapar as nuances, os pequenos fatos, ainda quando pareçam insignificantes, e sobretudo classifica-los. É preciso que diga como vejo esta mesa, a rua, as pessoas, meu pacote de fumo, já que foi *isso* que mudou. É preciso determinar exatamente a extensão e a natureza desta mudança. (SARTRE, 2011, p. 13).

Essa constatação de Antoine deixa bastante claro para o leitor que o personagem ainda não sabe descrever com exatidão o que se passa com ele. Há apenas uma estranheza e um desconforto acentuado em relação ao exterior. O mundo agora se desvela de outra forma para Roquentin, de um jeito que ele ainda não é capaz de nomear com precisão.

Antoine narra suas experiências na forma de um diário, mas por que Sartre decide por esse estilo literário? O personagem, ao narrar os fatos passados de sua vida e de sua rotina, parece querer encontrar uma espécie de sentido e encadeamento entre os fatos contingentes de sua existência. Narrar significa para Antoine, atribuir significado e necessidade para seu passado e para o seu presente, como ele sublinha no trecho a seguir: “Quis que os momentos de minha vida tivessem uma sequência e uma ordem como os de uma vida que recordamos.” (SARTRE, 2011, p. 61). Desse trecho se observa o imenso desejo do personagem de que a vida fosse previsível, necessária, determinada e sequencial e se assim fosse ele se livraria do peso que a gratuidade, a liberdade e a responsabilidade da existência exercem sobre ele e que lhe é atingido como uma espécie de enjoo.

A falta de ordenação com que Roquentin narra os acontecimentos parece auxiliar o leitor a mergulhar junto com ele na falta de necessidade de encadeamento entre todos os incidentes que lhe ocorrem e que lhe ocorreram. Como observa Diaz (2017), “os fatos narrados em muitos trechos, como um diário de fato nem sempre tem continuidade, deixa transparecer esse descontínuo”, dessa forma, tanto para Antoine, como para o leitor de suas narrações, a gratuidade e a contingência da existência e dos fatos ocorridos se apresentam de forma gradual no decorrer da composição do romance.

O personagem relata a situação em que surgiu pela primeira vez o sentimento de Náusea já no início de seu diário, quando se apercebeu enjoado ao fazer algo que lhe era bastante corriqueiro e que, de repente, causou-lhe imenso desconforto. Ele é subitamente acometido por uma espécie de enjoo em suas mãos, que o impediu de ricochetear uma pedra junto ao mar. O personagem não consegue manter o objeto nas mãos, sente nojo, quase um pavor. Antoine sente medo. Ainda não é claro para o personagem o motivo que o travou diante de uma ação bastante corriqueira. Por mais que ele sentisse vontade de imitar a ação dos meninos que se divertiam ao tacar pedras, algo o impediu e ele não foi capaz de concluir a sua ação.

A partir desse acontecimento ele progressivamente se dá conta de que sua vida está perdendo a essência, uma tal essência que ele julgava possuir, que está perdendo o

significado que ele atribuía à sua existência. A princípio ele se limita a apenas descrever o que se passa em sua rotina e a registrar as suas sensações, mas ainda não consegue perceber o que se passa de fato. Antoine nota que há uma estranheza, um desconforto, uma espécie de nojo, de enjoo e isso é tudo. Nas páginas iniciais do romance, essa ‘coisa’ ainda não tem nome, Antoine sequer é capaz de explicar de onde vem esse sentimento de aversão, que o assusta e que o deixa imerso em uma espécie de melancolia.

A psicóloga Etiane Araldi (2007), em seu artigo intitulado *A melancolia e A Náusea de Jean-Paul Sartre*, tece comparações entre Antoine Roquentin e o discurso do sujeito melancólico. De acordo com a autora, no romance de Sartre (1938), o personagem principal deflagra o absurdo e a gratuidade da existência e o melancólico tem a sensação de estar próximo a uma verdade bastante ameaçadora. Ora, não está Roquentin próximo de desvelar algo que o amedronta e que o ameaça? Observe-se que há no melancólico uma certa noção de impotência gerada pelo possível efeito que essa verdade trará e não é possível se aproximar dessa tal verdade ameaçadora sem adoecer. O personagem do romance de Jean-Paul Sartre se sente completamente impotente diante da constatação da gratuidade de sua existência. Araldi (2017) conclui em seu estudo “que, apesar da existência de pontos antagônicos entre as duas teorias, o discurso de Antoine Roquentin mostra-se em afinidade com a condição existencial do melancólico”. A melancolia é uma patologia tratada pela psiquiatria, ao passo que a Náusea revelada pelo filósofo francês em seu romance mostra o estado deflagrado diante da constatação da contingência e da gratuidade da existência, de sorte que a Náusea aqui tratada não é uma patologia emocional, tampouco uma situação capaz de ser resolvida à base de tratamento medicamentoso ou terapêutico. A Náusea descrita por Sartre é uma condição daquele que se nota abandonado no mundo, sem essência, sem determinismos, sem razão de existir, e que é, portanto, responsável absoluto pelo seu projeto existencial e suas escolhas. Vale mencionar que aquele que não se refugia na má-fé, e que, portanto, se engaja em seu projeto de forma responsável, se encontra mergulhado na angústia, sem possibilidade de retorno. Foi uma alternativa, para dizer o menos, muito prudente do autor de *A Náusea*, optar por esse título em substituição ao anterior, qual seja, *Melancolia*.

Ainda nos primeiros relatos de Antoine, ele pensa que seu estranhamento perante o mundo não passa de “uma pequena crise de loucura” (SARTRE, 2011, p. 14), Roquentin acredita estar passando por um incômodo passageiro, ele diz já não se identificar mais com esses sentimentos que tanto o perturbavam até o momento. Dessa

forma, sente-se confortável como todos os burgueses que habitam Bouville e que têm suas rotinas ordenadas e sem perturbações. Como se pode temer uma vida tão metódica? Nada há de novo para acontecer, tudo e todos mantém a sua mais perfeita ordem, e, essa ordem, alivia Roquentin. Antoine observa o senhor Rouen, um homem que se hospeda no mesmo hotel que ele e que mantém uma certa regularidade em sua rotina. Reserva um quarto todas as semanas, e, normalmente, ao chegar, bebe uma cerveja no Rendez-Vous de Cheminots antes de se deitar. Esse senhor representa, para o personagem principal, a regularidade da vida burguesa, sempre previsível, repetitiva e segura. Não há nada para temer quando se pode antever o que irá acontecer, por isso, Antoine sente uma imensa tranquilidade ao observar esse homem e ao olhar de sua janela os transeuntes, que, assim como ele, mesmo que por um breve instante, estão confortavelmente instalados no mundo. Assim descreve o personagem em seu diário:

“Pois bem, quando o ouvi subindo as escadas, meu coração bateu mais forte, tal a tranquilidade que isso me proporcionava: o que se pode temer num mundo tão regular? Creio que estou curado.” (SARTRE, 2011, p. 15)

O mundo regular descrito por Antoine suscita no personagem uma falsa ilusão de afastamento da contingência de sua existência. A gratuidade da vida humana e o incômodo se afastam por um instante. Infelizmente, essa suposta tranquilidade não é duradoura. O absurdo da condição humana contingente não deixará de o assombrar. A gratuidade se desvelará com o decorrer dos fatos descritos no diário, e Antoine não poderá se apartar de seu novo estágio de consciência perante à vida dele e daqueles que o cercam. Nesse momento da trama, há um impasse bastante interessante e paradoxal que ocorre com o personagem: de um lado, há a consciência lúcida a respeito da contingência e, de outro, a necessidade desse mundo regular descrito por ele como sendo uma espécie de conforto para suas aflições. Pode-se dizer que o personagem procura encontrar refúgios, mesmo que sejam efêmeros, porque sua consciência tornou-se bastante perturbadora. Todas as suas experiências são muito intensas e tudo o afeta de forma brusca.

Antoine é um homem solitário e que se limita a frequentar poucos lugares. Ele é cliente assíduo do Café Mably, onde observa com atenção os hábitos do gerente, que mantém curiosamente sempre a mesma rotina, e, também dos seus frequentadores. Ele nota que são pessoas com hábitos muito diferentes dos dele, sendo que possuem cargos

públicos, exercem o papel de pais de família, têm carreiras estabelecidas, e principalmente precisam de companhia para darem significado às suas existências. O Café é para Roquentin e para todos os outros que o frequentam, uma espécie de refúgio e de justificativa para suas vidas, como ele relata: “Também eles, para existir, precisam estar reunidos.” (SARTRE, 2011, p. 19). Necessitam estar em grupo para afastar a solidão, sentimento que começa a arrebatar Antoine. O personagem sente-se mais só a cada dia, e antes o que era uma espécie de alento, passa a perturbá-lo. Ele começa a sentir a mesma necessidade de vida conjunta, como os outros que o rodeiam e sente uma estranha vontade de externar verbalmente aquilo que tanto tem lhe tirado a paz nos últimos dias, quase que como uma tentativa de se libertar desse incômodo.

Outro lugar usualmente frequentado por Antoine na trama é o Rendez-Vouz des Cheminots, onde ele vai periodicamente para fazer amor com a dona, Françoise. Os dois não mantêm propriamente uma relação de amizade, sendo puramente uma relação carnal, onde é tirado proveito de ambas as partes. Ela necessita de um homem a cada dia para purgar os seus desejos e Antoine necessita expurgar “certas melancolias que o atingem”. (SARTRE, 2011, p. 19). Os personagens não conversam. Sobre o que iriam falar? Não há nada de importante para se dizerem. Roquentin apenas deixa o momento fluir. Ainda que juntos por alguns instantes, os dois continuam sós em suas existências. O único ponto de intersecção entre os dois são seus desejos carnis. Françoise representa no romance, uma das rotas de fuga para as aflições de Antoine, ainda que de forma passageira.

Ao longo do livro, a estranheza de agrava. Roquentin se sente imundo, sujo, deslocado, enjoado e pouco motivado a continuar vivendo. Não há quase nada que o impulsione e que o alegre. Ele tem cada vez mais presente a impressão de estar perdendo sua sanidade mental.

Roquentin normalmente passa os dias na biblioteca em que trabalha e pesquisa sobre a vida do Marquês de Rollebon e é onde conhece um importante personagem do romance, o Autodidata, que representa na obra o sonho humanista da crença na humanidade. Ele defende o amor e acredita na bondade humana. Os dois não firmam uma amizade sólida, mas convivem diariamente, e por esse motivo Antoine é capaz de descrever suas peculiaridades. O Autodidata passa os dias a ler, todavia, tem um conhecimento completamente fragmentado, uma vez que, como observa o protagonista, ele escolhe os seus autores por ordem alfabética afim de deter todo conhecimento que há

no mundo, com o intuito de tornar-se culto, sábio e instruído, mas mesmo com tantos apontamentos dos livros que lê, ele não sabe dar sentido ao seu conhecimento. Esse personagem contribui muito para a sensação de desespero de Antoine, que cultiva uma opinião absolutamente contrária à do personagem destacado.

Muitas vezes, ao se refugiar no Café Mably, Antoine escuta no gramofone uma canção de jazz, intitulada *Some of these days*, interpretada na voz de uma negra americana. Ao ouvir a canção, o personagem se tranquiliza. Somente quando ele se deixa envolver pelo ritmo da música, é que a Náusea se dissipa por completo. Como afirma Artur Ricardo de Aguiar Weidmann em seu artigo *O efeito do jazz em a Náusea de Jean-Paul Sartre*:

[...] o papel da música no romance está ligado à possibilidade de superação, ou pelo menos de suspensão do absurdo. Pois, quando a mesma é executada, além de invadir a atmosfera das situações, parece invadir por completo o personagem devolvendo-lhe a segurança que sentia antes da descoberta da contingência. [...]. Em geral, quando ouve a música, o personagem torna a experimentar a sensação de familiaridade com o mundo através da manifestação da necessidade e do sentido que este sempre lhe pareceu ter. Significa que a experiência estética, vivida através da música, doa ao real uma súbita e temporária ilusão de ordem através do ritmo sincopado do jazz. (WEIDMANN, 2016, p. 153)

Antoine se alegra justamente por sentir-se capaz de escapar de seu mal-estar, gerado pela constatação da contingência de sua existência, nem que seja por alguns instantes. A música o preenche por completo e toma todo o ambiente do café, dando-lhe a impressão de linearidade, uma vez que a canção tem começo, meio e fim, diferentemente da vida do personagem referido. A música possui uma essência, é determinada, completa em si mesma, ao passo que a realidade humana é completamente desprovida de determinismos prévios e sem nenhuma razão de ser. Conforme declara Silva: “É assim que Roquentin gostaria que fosse a sua vida: duração melódica, qualitativamente necessária, previsível e exata. Em cada momento dessa duração, pode-se esperar pelo que vai acontecer: a música não nos decepciona” (2004, p. 91). A música simboliza um paradoxo à contingência existencial da qual se apercebe o personagem e que tanto o angustia e o deixa inquieto, por essa razão, a melodia o preenche.

Em uma tarde ensolarada de sábado, Antoine decide visitar o museu de Bouville, e no grande salão de artes, se depara com retratos que pertencem à ilustres personalidades da cidade. Lá estão eternizados mulheres e homens que tiveram suma

importância para o local. Todas essas grandes personalidades de Bouville representam papéis sociais bastante concretos e que fazem com que Antoine reflita sobre o seu próprio projeto de vida, e ao observar todas essas pessoas de grande destaque social, pode-se dizer que o personagem principal constata de forma gritante a gratuidade de sua própria existência, ainda que ele não saiba nomear conceitualmente o incômodo que sente. Uma das figuras lhe chama demasiada atenção: a de Pacôme. Antoine o contempla e ao imaginar a vida desse homem ilustre, nota o quanto sua existência se diferiu da sua própria. Ao contrário dele, Pacôme exerceu o papel de pai, de marido, foi bem-sucedido em seus negócios, consolidou o nome de sua família e levou uma vida exemplar. Esse ilustre homem parece ter de fato encontrado um significado para a sua trajetória de vida, diferentemente de Antoine. Pacômê se consolidou com um papel social exemplar e acumulou fortuna. Por essa razão, Antoine relata: “Durante sessenta anos, infalivelmente, usara o direito de viver. Que magníficos olhos cinzentos! Nunca a menor dúvida o cruzara. [...] Sempre cumprira o seu dever, todo o seu dever [...]” (SARTRE, 2011, p.116). Esse homem que fora para sempre eternizado em uma pintura representa de forma concreta o total oposto de Antoine. Que tinha ele acumulado até agora? Que grandes feitos havia concretizado? Ele tinha em suas mãos apenas dúvidas, era solitário, seu passado se desfizera por completo e sua consciência o atormentava.

O personagem principal observa com o passar dos dias, a falta de significado cada vez mais flagrante em sua vida e na vida daqueles que o cercam. A primeira atitude de mudança brusca que ele decide tomar é a de parar de escrever a biografia do Marquês de Rollebon. Antoine percebe que não há sentido em descrever os fatos ocorridos na vida de outrem, uma vez que, conclui o personagem, um biógrafo apenas tenta reunir fatos desconexos da vida de uma pessoa e dar um sentido para esses fatos, quando, na verdade, há muitas coisas que se passam na vida do biografado e que dependem de circunstâncias imprevisíveis e contingentes. De que adianta tentar significar o passado e de tentar lhe atribuir qualquer espécie de necessidade? Antoine se recorda de uma frase proferida por uma empregada do Chez Camille: “- Como então, eu que não tive forças para reter meu próprio passado, posso esperar salvar o de outra pessoa? (SARTRE, 2011, p. 130). Seria isso então? Eis que no romance se desvela uma epifania para o personagem principal: o senhor de Rollebon está morto, bem como o seu passado. Mais vale para Antoine que ele se foque em sua própria vida, em seu momento presente. O presente é o que existe, aqui e agora. Antoine registra em seu diário: “o sr. de Rollebon acabava de morrer pela segunda

vez” (SARTRE, 2011, p. 131). Escrever uma biografia perde total sentido para Roquentin, já que ele se dá conta da falta de significação para o que se passa na vida de qualquer um. A existência é contingente, por isso não há razão para se procurar sentido em fatos fortuitos e sem significado. Melhor seria escrever um romance, conclui Roquentin, para que assim ele possa exercer sua total liberdade, engajamento em sua escrita, e principalmente, para que retome as rédeas de seu projeto e da sua própria vida.

Outro fator que contribui para a tomada de decisão de Antoine em relação à biografia do Marquês é a percepção de que seu projeto de trabalho serviu apenas para que ele tentasse preencher a sua própria existência. Revivendo a vida do Marquês, Antoine se desfocava da sua própria, podia fugir da gratuidade e da responsabilidade de sua condição, como ele afirma em suas anotações: “O senhor de Rollebon era meu sócio: precisava de mim para ser e eu precisava dele para não sentir o meu ser” (SARTRE, 2011, p. 133). O projeto de Antoine não passava de um refúgio, de uma espécie de fuga da sua gratuidade e da responsabilidade de engajar em seu projeto como existente. A biografia lhe dava uma razão para existir, para significar sua vida. Era, acima de tudo, uma maneira de se refugiar de seu presente avassalador, mesmo que de forma passageira e ilusória. Pelo tempo que durou seu propósito de escrever a biografia, o Marquês passou a ser a razão de viver de Antoine, que agora, ao abandonar definitivamente Rollebon, encontrava-se perdido, com a inevitável pergunta – ainda sem resposta –: “Que farei agora?” (SARTRE, 2011, p. 134). Abandonado em sua gratuidade, Roquentin é impulsionado a ressignificar o seu projeto, sem a escusa de significar sua vida em outrem.

Torna-se evidente para o personagem principal que, de fato, seu problema se limita ao fato de existir. É isso que o incomoda profundamente. Ao refletir durante uma conversa com o Autodidata, em que este confia à Antoine os problemas que tem enfrentado, ele relata: “Tudo o que quero é me compadecer com os problemas dos outros; isso representará uma mudança para mim. Não tenho problemas, tenho dinheiro, fruto de rendas, não tenho patrão, nem mulher, nem filhos; existo, é tudo. E esse tédio é tão vago, tão metafísico que me sinto envergonhado” (SARTRE, 2011, p. 143). De fato, Roquentin não enfrenta dificuldades financeiras e tampouco familiares. O que o perturba é sua consciência diante à sua própria existência e sua gratuidade. Isso é que o tem entediado profundamente. Pode-se dizer que, para Antoine, ocupar-se com os problemas alheios é uma distração confortável, dessa forma ele encontra uma maneira de devanear seu tédio e suas preocupações. Diferentemente dos dilemas dos outros, o problema que ele enfrenta

aparentemente não tem uma solução. Se lhe faltasse dinheiro, bastava que ele procurasse uma fonte de renda. Caso se tratasse de dramas familiares, ele haveria de encontrar uma saída. Mas o problema de Antoine não é palpável e ele parece ter percebido, ainda que inconscientemente, que uma vez desvelado o absurdo da condição humana, não há caminho de retorno.

Há fatos no romance que merecem especial destaque e um deles é o momento em que Antoine esmaga uma mosca na mesa de um café. Ele diz estar fazendo um favor para o inseto, porque o está libertando do peso da existência, do fardo que é existir, como relata em seu diário: “Vou lhe fazer o favor de esmagá-la” (SARTRE, 2011, p. 140). Para a personagem, nessa altura do romance, existir sem qualquer significado é um peso. Ao contrário dele, a mosca é um ser determinado, completo em si mesmo, não livre e que não tem a necessidade de se fazer e de reafirmar a cada instante seu projeto. Por muitos anos, Antoine se limitou a viver como uma mosca, fechando os olhos para a gratuidade de sua existência que, ao passo de cada experiência relatada em seu diário, se desvelava de forma avassaladora para ele.

Há uma cena em que o estranhamento de Roquentin perante as pessoas que o cercam se evidencia: ele observa os clientes de um café e se atenta a um casal de jovens namorados. Antoine os observa e conclui que os dois representam um papel: o de serem um casal de jovens apaixonados, que estão felizes e que se apoiam um no outro para darem sentido a suas existências e a sua felicidade. Esse jovem casal se sente bem, gostam da companhia um do outro, logo devem constituir uma vida juntos e, dessa forma, terem uma existência fadada ao determinismo, sem grandes novidades, como todos os outros casais burgueses que habitam Bouville. O olhar de Antoine, para ele e para as pessoas que o cercam, é um olhar onde tudo se fragmenta e perde o sentido e a essência. Só resta, tanto nele próprio, quanto nos outros, a existência. Tudo perde o significado para ele.

Ao passear no jardim público, eis que finalmente o incômodo de Antoine se desvela completamente para ele. Nessa altura da trama, o personagem já consegue perceber de forma clara o que tanto o tem aborrecido. A existência se revela e ele compreende de maneira racional o que se tem passado desde o início de suas anotações. A existência o aborrece, a Náusea se apossou por completo dele e já não há mais no personagem a ilusão de se livrar dela. Ele sabe, de maneira clara, que não se trata de uma doença. Ao contrário disso, ele relata em meio à epifania: “A Náusea sou eu.” (SARTRE, 2011, p. 169). A existência o penetrava por todos os poros de seu corpo. Agora havia nele

a certeza do que significava existir. Sua existência dependia dele, somente de suas escolhas e de seu projeto existencial. Não havia mais para o personagem como fugir através de seu passado. A vida era o que se apresentava agora, no momento presente e dependia que ele se reafirmasse a cada instante. A Náusea representa todo peso da existência que recaí sobre Antoine. No momento em que o personagem conclui “O essencial é a contingência”, ele possui a sua Náusea, a compreende por completo. É capaz de exprimir em palavras o que esse enjoo representa: a gratuidade da existência. Antoine se depara com sua existência não justificada.

Outro momento importante dá-se quando Anny, a ex-namorada de Antoine, manda-lhe um bilhete. Ela quer revê-lo. O personagem é inundado de esperança e tomado por uma onda de felicidade, que toma conta de seu corpo. Reencontrá-la pode ser a salvação de todo seu mal-estar, sendo que há tempos ele vislumbra a possibilidade de falar com alguém sobre tudo que se tem passado em sua vida, e assim firma a ilusão de que sua antiga companheira o ajude a significar suas experiências e que o auxilie a desvendar o sentido de sua existência e a fonte de todas as suas incomodações recentes. Antoine nunca foi capaz de superar todas as expectativas de Anny, uma mulher sempre em busca de instantes perfeitos e quando a revê, Antoine nota o quanto ela mudou durante todo o tempo que ficaram sem se encontrar. Agora ela está gorda, tem os ombros caídos e perdeu a expressão infantil que carregava em seu rosto. Ao abrir a porta de seu quarto e convidá-lo para entrar, Antoine nota a indiferença com que ela o trata e sequer apertam as mãos, Anny não suporta essas cordialidades. Além disso, há ainda algo que chama a atenção do personagem: Anny não decorou o quarto com seus pertences pessoais, como era de costume. As paredes estão nuas, despersonalizadas, livres de seus quadros e das memórias de suas viagens. Os dois personagens iniciam uma conversa, Anny conta a Roquentin sobre sua vida. Ela se relaciona com um homem rico que a sustenta, é uma mulher adúltera, viaja bastante, atuou em peças de teatro e sustenta seus luxos com o dinheiro de seu companheiro. Ela direciona perguntas diretas e mecânicas à Antoine. Depois de tantos anos de relacionamento, ele bem sabe que isso significa que de fato ela não se interessa com o que se passa com ele. Eis que registra: “De repente já não sinto a menor vontade de lhe contar nada. Para quê? A Náusea, o medo, a existência... Mais vale que guarde tudo isso para mim” (SARTRE, 2011, p. 187). De que vale compartilhar suas descobertas com ela? Afinal, pensa Antoine, Anny “aparentemente acha que já sabe o suficiente sobre mim” (SARTRE, 2011, p. 188). Eles discutem ainda algumas

amenidades. Antoine se foca no presente, deixa de procurar a Anny do passado que ele tanto idealizou. Lá estava ela, presente, diante dele. Apesar de todas as suas mudanças, ela continua sendo a mulher que Antoine ama, como declara: “É essa moça, essa moça gorda de aparência deteriorada que me toca e que eu amo” (SARTRE, 2011, p. 191). Durante a conversa, Anny revela ter mudado completamente, “dos pés à cabeça” (SARTRE, 2011, p. 191). Ela não consegue precisar com exatidão como e quando se deu essa mudança, mas, assim como Antoine, sentiu sua vida se transformar de repente. É nesse momento que ele percebe que, apesar da falta de comunicação entre eles, os dois dividem as mesmas angústias e perturbações, transformaram-se simultaneamente. Ela estava tão perdida e desolada quanto ele. Também Anny parece ter desvelado a gratuidade da existência e se limita apenas a sobreviver a si mesma. Não há nela nada que a motive verdadeiramente e nem que a console. Ela sobrevive aos dias, não se sente mais capaz de se encantar com pessoas, “atualmente” – relata a personagem – “vivo rodeada por minhas paixões defuntas” (SARTRE, 2011, p. 193). Anny se refugia em seu passado, em bons momentos e busca em suas memórias um porto seguro para afastar de si a agonia da constatação da gratuidade de sua existência e confessa à Antoine: “- Vivo no passado. Recordo tudo o que me aconteceu e ordeno-o. Assim de longe não dói” (SARTRE, 2011, p. 202). O passado é sempre um recanto confortável e seguro, ainda que ilusório. Recorrer ao passado como conforto é um meio para preencher o nada que é a condição humana e para se furtar da responsabilidade de reafirmação constante do projeto presente, do projeto que é ser. Para Roquentin, refugiar-se em suas memórias passadas não é mais uma alternativa possível, não lhe basta, como o próprio declara à Anny: “- Pois bem, isso absolutamente não me satisfaria” (SARTRE, 2011, p. 202). Essa alternativa também não satisfaz Anny por completo, mas, diferentemente de Antoine, ela prefere continuar a viver na má-fé - quer fugir de sua liberdade - do que engajar-se verdadeiramente em seu projeto. Eis a principal diferença entre os dois. O personagem principal enfrentará sua condição de Para-si e, ao longo da trama, a partir de sua Náusea, ele ressignificará seu projeto, enquanto Anny continuará a viver se abastecendo das suas memórias como via de conforto e fuga para seu presente. Ela deseja, a todo custo, afastar de si a angústia que sente diante de sua liberdade. Anny representa, no romance, a última ruptura de Antoine com o seu passado. Agora ele tem plena certeza de que está livre e sozinho e que precisa, portanto, ressignificar o seu projeto existencial de forma engajada e responsável.

No final do romance, Antoine encontra uma maneira de superar sua Náusea, uma vez que percebe que essa sensação é provocada pela contingência de existir. O personagem só se sente bem quando ouve um disco de jazz e conclui que uma canção é uma realização perfeita, uma vez que tem começo, meio e fim. Ele pensa que é assim que a vida deveria ser, mas não é. A vida precisa de um autor, de um agente motor, que é ele mesmo. A música provoca em Roquentin a sensação de acabamento. Antoine acredita que a arte o salvará. A arte de escrever um romance de ficção, pois dessa forma seu nome e será eterno, intacto. Ele será lembrado para sempre pelos seus leitores de uma forma única e acabada, sendo que para isso, basta que seu livro seja lido. Por essa razão, ele busca a sua salvação através da arte. Decide escrever um livro de ficção e desiste de ser biógrafo. Ele pretende redigir uma obra onde a liberdade apareça, sobre algo que ele próprio inventou, sem as amarras de fatos da vida de outrem. Quando seu livro estiver escrito, Antoine estará para sempre salvo através da arte.

A Náusea de Roquentin é a sensação causada quando o personagem compreende que a existência por si só é gratuita e ilógica se não for acompanhada da constante busca da construção de uma essência verdadeira e responsável. A sensação de Náusea possibilita para o personagem principal a ressignificação de seu projeto existencial. Antoine se liberta da alienação, vivenciando um processo que lhe permite redesenhar sua vida e situar a sua existência em um novo patamar.

A náusea

Considerando-se que já foram oferecidos os dados acerca do protagonista e coadjuvantes, bem como o local em que a história se passa, e ainda os principais pontos do seu desenvolvimento, em suma, informações imperiosas à orientação do leitor, passa-se neste capítulo a retratar os momentos em que a Náusea se manifesta, desde os mais aparentemente inexpressivos até aquele em que Antoine se convence de que não mais poderá se livrar dela, é um momento único, comparável ao de encontrar a verdadeira peça, imprescindível à visão completa de um quebra-cabeças desconhecido. Como foi destacado anteriormente na introdução do presente trabalho, nesta sessão da dissertação todas as citações serão mantidas em recuo, mesmo as menores.

De início, o personagem descreve uma situação em que tem uma sensação desconhecida, que é recebida com estranheza e que, todavia, não sabe distinguir:

Sábado os meninos brincavam com pedras, fazendo-as ricochetear, e eu queria imitá-los e jogar uma no mar. Nesse momento, detive-me, deixei cair a pedra e fui embora. É provável que eu parecesse perdido, já que os meninos riram quando lhes dei as costas. É isso, quanto ao exterior. O que ocorreu em mim não deixou vestígios claros. Havia algo que vi e que me desagradou, mas já não sei se estava olhando o mar ou para o seixo. [...]. Eu segurava pelas bordas, com os dedos muito afastados, para não me sujar. [...] é certo que tive medo ou algum sentimento do gênero. Se pelo menos soubesse do que tive medo, já teria dado um grande passo. (SARTRE, 2011, p. 13, 14).

É esse o primeiro momento em que Antoine percebe que há algo diferente ocorrendo com ele. Algo que ainda não tem nome, que ele não sabe identificar como começou e nem de onde veio. Foi um estranhamento perante uma situação que, até pouco tempo atrás, não lhe causava desconforto algum.

Antoine tenta se livrar daquela sensação desconhecida: de sua angústia; se refugia em um café, sente-se à vontade, burguesamente instalado no mundo. Acredita estar livre do incômodo. Age de má-fé para se livrar da angústia, a exemplo do que fazem os homens, implementam mecanismos para suportar a existência:

Meus estranhos sentimentos da outra semana me parecem hoje bastante ridículos: já não me identifico com eles. Essa noite estou muito à vontade, burguesamente instalado no mundo. (SARTRE, 2011, p. 14).

O personagem pensa já estar livre do incômodo. Ilude-se ao acreditar que se refugiar no meio de outras pessoas o fará se sentir melhor, o fará se sentir como todos os burgueses de Bouville, acomodados, instalados no mundo de forma confortável e previsível. Antoine tenta se convencer de que o incômodo passará, e reitera o comportamento de má-fé, iludindo-se:

Com uma noite bem dormida, uma só, todas essas histórias seriam varridas de minha cabeça. (SARTRE, 2011, p. 14).

Pode-se inferir com o trecho acima citado, que Antoine age de má-fé, pois está a mentir para si mesmo, querendo a todo custo livrar-se da angústia que o consome diariamente. Todas as suas experiências agora são absurdamente pesadas para ele, é como se o personagem estivesse experimentando tudo pela primeira vez, sua percepção

do mundo mudou desde que o processo da Náusea tomou conta dele, e por essa razão ele se sente exaurido e acredita que com uma boa noite de descanso, o mal estar passará.

Todavia, o processo iniciado não pode mais ser represado, sendo Antoine acometido de forma inexorável. A má-fé não é mais capaz sequer de camuflar essa experiência, tampouco de aniquilá-la:

Alguma coisa me aconteceu, já não posso mais duvidar. Isso veio como uma doença, não como uma certeza comum, não como uma evidência. Instalou-se pouco a pouco, sorrateiramente: senti-me um pouco estranho, um pouco incomodado, e foi tudo. Uma vez no lugar, não mais se mexeu, ficou quieto e consegui me persuadir de que não tinha nada, de que era um alarme falso. E eis que agora a coisa se expande. (SARTRE, 2011, p. 15, 16).

Roquentin tem a certeza de que algo lhe aconteceu, já não há mais dúvidas de que algo se passa com ele. Algo estranho que se apossou dele, que se instalou em seu ser, algo que ele ainda não sabe identificar com precisão.

A partir desse momento, Antoine tão somente passa a se preocupar em detectar o que mudou se as coisas, se ele próprio:

Portanto, ocorreu uma mudança durante essas últimas semanas. Mas onde? É uma mudança abstrata que não se fixa em nada. Fui eu que mudei? Se fui eu, então foi esse quarto, essa cidade, essa natureza; é preciso decidir. (SARTRE, 2011, p. 16).

O personagem declara, no trecho acima citado, que algo mudou. Mas onde ocorreu essa mudança? Foi nele? Foi no mundo ao seu redor? Nos objetos que o cercam? É preciso que ele descubra exatamente onde ocorre essa mudança.

Antoine confirma, cada vez mais, que alguns comportamentos não passam de subterfúgios, uma vez que já está produzido de modo diferente dos demais homens, está se livrando da má-fé, e a partir disso, os comportamentos quase que programados não o acalantam mais:

Simplesmente, mesmo assim, me sinto intranquilo: faz meia hora que evito *olhar* para esse copo de cerveja. Olho para cima, para baixo, para direita, para esquerda: mas *ele* – o copo – não quero ver. E eu sei muito bem que todos os celibatários que me rodeiam não podem me ajudar: é tarde demais, já não posso me refugiar entre eles. (SARTRE, 2011, p. 21).

Os cafés não são mais alento para Antoine. Os outros que o cercam nada podem fazer para salvá-lo. Nessa altura do romance, Antoine parece já perceber que ele possui uma outra consciência mundana, muito alheia àqueles clientes dos lugares que ele frequenta. Os celibatários por ele mencionados ainda não foram atingidos pela Náusea, limitam-se a viver suas existências protegidos pela má-fé.

Antonie acredita que conversar sobre o que se passa com ele seja a chave para livrá-lo de seu incômodo. Nesse ponto, Antoine ainda não sabe o que sente, identifica apenas um desconforto permanente, sem, contudo, entender se a mudança está nele ou nas coisas:

Gostaria de falar com alguém sobre o que está me acontecendo, antes que seja tarde demais, [...]. Gostaria que Anny estivesse aqui. (SARTRE, 2011, p. 22).

Roquentin acredita que conversar com sua ex-namorada, Anny, com quem manteve um longo relacionamento, pudesse ajudá-lo a compreender melhor esse incômodo, essa coisa que se apossou dele. Parece claro nessa parte do romance que somente relatar seus sentimentos e rotina em um diário, não o ajuda, de fato a compreender esse incômodo que se apossou dele.

Antoine tinha uma mania muito marcante: a de pegar coisas do chão – castanhas, velhos farrapos, e especialmente papéis, sendo que um gesto tão simplório lhe foi inibido, eis que passou a não ver sentido nessa prática e em um determinado momento descreve:

[...] quis – e não pude – apanhar um papel caído no chão. Isso é tudo e sequer é um acontecimento. Sim; mas, para dizer toda verdade, foi algo que me impressionou profundamente: pensei que já não era livre. (SARTRE, 2011, p. 22).

Agora, além do incômodo, Antoine sente nojo em suas mãos, sente-se completamente incapaz de cumprir atividades que antes lhe eram rotineiras e prazerosas. Depois, ainda relaciona o ocorrido com o episódio a seguir:

Agora vejo; lembro-me melhor do que senti outro dia, junto ao mar, quando segurava aquela pedra. Era uma espécie de enjojo adocicado. Como era desagradável! E isso vinha da pedra, tenho certeza, passava da pedra para as minhas mãos. Sim, é isso, é exatamente isso: uma espécie de náusea nas mãos. (SARTRE, 2011, p. 24).

Antoine não conseguiu pegar o papel do chão, não conseguiu ricochetear pedras no rio. O incômodo sentido pelo personagem parece não deixá-lo mais confortável para

cumprir atividades que antes lhe pareciam inofensivas e proveitosas. O mundo e seu significado se fragmenta para Antoine, perde todo sentido e essência que antes ele julgava possuir sobre todas as coisas.

Nota-se que as sensações anteriormente sentidas ganham corpo, a ponto de se tornarem nauseantes:

As coisas não vão bem! Não vão bem de modo algum: estou com ela, com a sujeira, com a Náusea. E dessa vez é diferente: me veio num café. Até agora os cafés eram meu único refúgio, porque estão cheios de gente e são bem iluminados: já não haverá nem isso; quando me sentir encurralado em meu quarto, já não saberei aonde ir. (SARTRE, 2011, p. 33, 34).

Antoine se sente sujo, imundo, desconfortável no mundo. Se sente a mais, sobrando, desnecessário, sem propósito. Nem mesmo os lugares que antes ele podia se refugiar, que podia se sentir confortável, lhe bastam. O personagem parece agora estar perdido, sem saber o que fazer de si, de sua existência que tanto lhe pesa e o incomoda.

Cabe observar, que a partir deste momento, Antoine percebe que não há mais refúgios, que não adianta mais implementar mecanismos de fuga. Porquanto, mais do que saber que se está só é saber que se é só. A partir daqui há a certeza de que as coisas mudaram de forma irreversível, tendo sido apoderado pela náusea:

– O que vai tomar, sr. Antoine? Então fui acometido pela Náusea, me deixei cair no banco, já nem sabia onde estava; via cores girando lentamente em torno de mim, sentia vontade de vomitar. E é isso: a partir daí a Náusea não me deixou, se apossou de mim. (SARTRE, 2011, p. 34).

No trecho citado acima, resta claro que a Náusea se apossou definitivamente de Antoine, não o deixará mais. Ele se sente absolutamente confuso diante dessa estranheza perante o mundo que o cerca.

Inicia-se em Antoine, pouco a pouco, um processo de familiarização com esse incômodo sentido.

Começo a me reanimar, a me sentir feliz. Ainda não é nada extraordinário, é uma pequena felicidade de Náusea: ela se espalha no fundo da poça viscosa, no fundo de nosso tempo – o tempo dos suspensórios cor de malva e dos bancos quebrados -, é feita de instantes amplos e frouxos, que se alastram pelas bordas

como uma mancha de azeite. Mal nasceu e já parece velha, tenho a impressão de conhecê-la há vinte anos. (SARTRE, 2011, p.38).

O trecho acima parece deflagrar a aceitação de Antoine perante sua nova condição existencial, perante seu incômodo e sua Náusea. O personagem deixa de sentir tanta estranheza perante esse enjoo que se apossou dele.

A única coisa que aplaca a náusea é uma canção, regularmente tocada no café frequentado por Antoine:

Silêncio.

Some of these days

You'll miss me honey!

O que acaba de ocorrer é que a Náusea desapareceu. Quando a voz se elevou no silêncio, senti meu corpo se enrijecer e a Náusea se dissipou. (SARTRE, 2011, p. 38, 39).

A Náusea desaparece com a canção de Jazz, que provoca em Antoine a sensação de completude, de ordenação, de necessidade. A canção possui começo, meio e fim. A música é previsível, ritimada, previamente ordenada. Tudo na música é necessário. É assim que Antoine gostaria que fosse a vida, previsível e previamente determinada. Ainda sobre a música, em outro momento menciona:

O disco parou.

A noite entrou, melíflua, hesitante. Não se vê, mas está presente, encobre as luzes; respira-se algo de espesso: é ela. Faz frio. (SARTRE, 2011, p. 40).

Assim que o disco para de tocar, acaba-se o bem estar provocado pela canção, que, ao contrário de Antoine, é completa e finita em si mesma. Uma vez que o gramafone para, toda contingência se apossa novamente do personagem.

Mas a música não dura indefinidamente e Antoine começa a convencer-se de que ele próprio também não: aquele que ele foi já não é mais. O que importa para o homem é o tempo presente enquanto projetar-se, é nele que o “para-si” se constrói e se projeta para si:

Aliás, muitas vezes, esses próprios fragmentos desaparecem: só restam palavras; poderia ainda contar as histórias, contá-las muito bem (em matéria de anedota, ninguém me ganha, a não ser os oficiais de marinha e os profissionais), mas já

não passam de carcaças. Referem-se a um sujeito que faz isso ou aquilo, mas não sou eu, não tenho nada em comum com ele. (SARTRE, 2011, p. 51, 52).

Antoine agora tem plena certeza de que o que realmente importa é o seu momento presente, que seu passado não passa de uma vaga memória, que não o determina e que não lhe configura essência alguma. Ele precisa, contudo, assumir com responsabilidade o seu papel de agente motor de sua própria vida, de seu projeto existencial.

Nesta ocasião, Antoine se dá conta de que não há essência humana, de que a existência precede a essência. Ao se projetar, o homem se faz e disso não pode fugir. Logo, o passado pouco importa, não há caminhos de volta:

Nunca como hoje tive o sentimento tão forte de ser alguém sem dimensões secretas, limitado a meu corpo, aos pensamentos superficiais que sobem dele como bolhas. Construo minhas lembranças com meu presente. Sou repellido para o presente, abandonado nele. Tento em vão ir ter com o passado: não posso fugir de mim mesmo. (SARTRE, 2011, p. 52).

Antoine parece ter cada vez mais lúcida a ideia de que o que realmente importa é o presente e seu projeto engajado de se reafirmar a cada dia. O passado está morto e não determina quem ele é e nem lhe pode trazer a sensação confortante de ser algo já prontamente constituído.

Seguindo esse caminho sem volta, o personagem Antoine Roquentin reconhece que sua vida está em suas mãos e dela tem que se apoderar, sem escusas:

Nada mudou e, no entanto, tudo existe de uma outra maneira. Não consigo descrever; é como a Náusea e no entanto é exatamente o contrário: finalmente me acontece uma aventura e, quando me interrogo, vejo que *me acontece que sou eu e que estou aqui; sou eu* que fendo a noite, estou feliz como um herói de romance. (SARTRE, 2011, p. 78).

Antoine é o principal agente motor de sua vida, ele é quem deve significar sua existência, bem como se responsabilizar e sofrer as consequências das suas próprias escolhas. O personagem prossegue consciente de sua responsabilidade na tomada das maiores e das menores decisões:

Estou cheio de angústia: o menor gesto me compromete. (SARTRE, 2011, p. 80).

Todo gesto o compromete porque agora Antoine parece ter total consciência de que sua existência depende apenas dele e que escolher é se comprometer, é se engajar em seu projeto de para-si.

Antoine reconhece que a maior parte das pessoas não se dá conta do peso de sua responsabilidade, e comumente recorre ao passado como tentativa de conforto. As pessoas se escondem na má-fé e assim tentam escapar do vir-a-ser, do projetar-se, e em regra, depositam no Absoluto a responsabilidade de seu futuro. Todavia, quando o ser humano se apodera dessa responsabilidade, não há mais como outorgá-la a quem quer que seja:

Ele ainda olha pra mim. Dessa vez vai falar comigo, me sinto enrijecer. Não é simpatia o que há entre nós: somos parecidos, eis tudo. Ele está como eu, porém mais enterrado na sua solidão do que eu. Deve estar à espera de sua Náusea ou algo do gênero. Há agora, portanto, pessoas que me *reconhecem*, que pensam, depois que me encararam: “Esse é dos nossos.” E então? O que quer ele? Deve saber que nada podemos fazer um pelo outro. As famílias estão em suas casas, em meio às suas recordações. E nós aqui, dois destroços sem memória. Se ele se levantasse de repente, se me dirigisse a palavra, eu daria um pulo. (SARTRE, 2011, p. 92 - 93).

Nessa altura da trama, Antoine parece já ter se dado conta de que o passado não é mais um refúgio seguro para as aflições que ele sente dominarem o seu corpo. Há outras pessoas como ele, que também se aperceberam de que a má-fé não lhes poderá salvar de suas condições existenciais, de terem que se projetar e afirmarem esse projeto a todo instante.

Obviamente, que apoderar-se da vida exige coragem: “*É preciso não sentir medo.*” (SARTRE, 2011, p. 99), e Antoine passa a ter a certeza inquestionável da contingência de sua existência e ainda que os contornos que ela terá é de sua inteira e exclusiva responsabilidade:

Então é isso a Náusea: essa evidência ofuscante? Como quebrei a cabeça! Como escrevi a respeito dela! Agora sei: Existo – o mundo existe – e sei que o mundo existe. Isso é tudo. Mas tanto faz pra mim. É estranho que tudo me seja tão indiferente: isso me assusta. Foi a partir do famigerado dia em que quis fazer ricocheteios. Ia atirar o seixo, olhei para ele, foi então que tudo começou: senti que ele *existia*. E a seguir, depois disso, houve outras Náuseas; de quando em quando os objetos se põem a existir em nossa mão. Houve a Náusea do Rendez-

vous des Cheminots e depois uma outra, antes, uma noite em que eu olhava pela janela; e depois mais outra no jardim público, um domingo e depois outras. Mas nunca tinha sido tão forte como hoje. (SARTRE, 2011, p. 164).

Eis o climáx do romance: Antoine identifica com precisão o que é essa coisa, esse nojo, essa sujeita que se apossou dele. Ele existe. Ele sente o peso de sua existência. Ele sabe ser responsável por si, por seu projeto de vida.

Definitivamente, Antoine é tomado por essa sensação, da qual não pode mais se esquivar. Não há caminhos para se esquecer da responsabilidade de existir e se produzir:

Gostaria tanto de me abandonar, de esquecer de mim mesmo, de dormir. Mas não posso, sufoco: a existência penetra em mim por todos os lados, pelos olhos, pelo nariz, pela boca... (SARTRE, 2011, p. 169).

Ainda que o personagem tenha esperança de se refugiar na má-fé, de se esquecer por alguns instantes, isso já não é mais possível. O peso da existência ocupa todos os espaços, penetra suas entranhas, é tão evidente que é impossível tentar ofuscá-la.

Uma vez reconhecida a origem dessa sensação, Antoine não consegue mais se livrar desse sentir, na medida que incorporado à sua existência:

Não posso dizer que me sinto aliviado nem contente; ao contrário, me sinto esmagado. Só que meu objetivo foi atingido: sei o que desejava saber; compreendi tudo o que me aconteceu a partir do mês de janeiro. A Náusea não me abandonou e não creio que abandone tão cedo; mas já não estou submetido a ela, já não se trata de uma doença, nem de um acesso passageiro: a Náusea sou eu. (SARTRE, 2011, p. 169).

Já não há em Roquentin nenhuma esperança de que a Náusea o abandone. Ele agora sabe que terá de viver com ela para todo sempre. A Náusea não é uma doença, ao contrário disso, a Náusea é a angústia sentida por todo aquele que se apercebe responsável e agente de sua própria existência, de todo aquele que se livra da má-fé e que assume da fato a responsabilidade de suas escolhas.

Antoine percebe que a existência não é uma necessidade, é contingência. Sem porquês ou para quê. Existimos e isso é tudo. O que faremos disso depende de cada um. Não há normas morais pré-estabelecidas, nenhum futuro predestinado, nem tampouco acolhimento. O ser humano está lançado no mundo sem razão de existir e desprovido de qualquer essência:

Esse momento foi extraordinário. Estava ali, imóvel e gelado, mergulhado num êxtase horrível. Mas, no próprio âmago desse êxtase, algo de novo acabava de surgir; eu compreendia a Náusea, possuía-a. A bem dizer, não me formulava minhas descobertas. Mas creio que agora me seria fácil colocá-las em palavras. O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é a necessidade. (SARTRE, 2011, p. 175).

A existência não é de forma alguma necessária, pré determinada e não há nada que a justifique. Todo ser humano está lançado no mundo sem razão e cabe somente a cada um projetar-se e engajar-se em sua própria vida. Não há essência prévia de ser humano. Estamos todos soltos e desamparados no mundo.

Antoine insiste em demonstrar o quanto o incômodo da existência, pura e simples, é nauseante. O desconforto é resultado do desespero da constatação de que a busca por uma essência humana é medida infrutífera, visto que não há razão de ser. Existimos por contingência, contrariamente às coisas, que atendem ao princípio da necessidade:

Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte a gratuidade perfeita. Tudo é gratuito: esse jardim, essa cidade e eu próprio. Quando ocorre que nos apercebamos disso, sentimos o estômago embrulhado, e tudo se põe a flutuar como na outra noite no Rendez-vous des Cheminots: é isso a Náusea [...]. (SARTRE, 2011, pg.175).

Ainda a respeito da contingência, a melhor maneira de retratar o ponto de vista de Sartre, é repetir sua célebre frase: “Todo ente nasce sem razão, se prolonga por fraqueza e morre por acaso.” (SARTRE, 2011, p. 178).

O reconhecimento da contingência, o que significa dizer que não há essência, nem tampouco motivo para existência, deságua, necessariamente, no conceito sartriano inicialmente tratado no primeiro capítulo, qual seja, de que estamos condenados a ser livres, “[...] a existência é uma plenitude que o homem não pode abandonar.” (SARTRE, 2011, p. 178).

Em que pese todas as constatações firmadas, Antoine Roquentin ainda tenta sua última má-fé, quando acredita que reencontrar sua ex-namorada, Anny, o faria se libertar de sua angústia. Entretanto o desfecho prova o contrário, porquanto, o encontro aniquila qualquer expectativa nesse sentido; sendo que nesse momento se confirma o já

constatado, de que não somos mais o que fomos no passado, o que nos entusiasmava já não nos serve, e ratifica que não há subterfúgios:

Sou livre: já não me resta nenhuma razão para viver, todas as que tentei cederam e já não posso imaginar outras. Ainda sou bastante jovem, ainda tenho força bastante para recomeçar. Mas recomeçar o quê? Só agora compreendo o quanto, no auge dos meus terrores, de minhas náuseas, tinha contado com Anny para me salvar. Meu passado está morto. O sr. de Rollebon está morto, Anny só retornou para me tirar toda esperança. Estou sozinho nessa rua branca guarneçada de jardins. Sozinho e livre. Mas essa liberdade se assemelha um pouco à morte. (SARTRE, 2011, p. 207).

O encontro com sua ex-namorada Anny apenas serviu para que Antoine quebrasse de fato sua última amarra com seu passado. Dessa forma, o personagem principal tem agora total certeza que o passado não tem mais relevância e que é preciso que ele se foque em seu presente e no que fará daqui pra frente, que precisa reconfigurar o seu projeto de forma engajada e responsável.

Nesse passo, Antoine tem a certeza de que não quer mais escrever a biografia do marquês de Rollebon, visto que perdeu o encantamento, primeiramente, porque não se pode viver a vida do outro e depois porque o biografado está morto. Ademais sente-se vivo, como nunca antes:

Sinto que algo me roça timidamente, e não ousa me mexer porque temo que isso se vá. Algo que já não conheço: uma espécie de alegria. (SARTRE, 2011, p. 233).

Antoine deseja reconfigurar seu projeto, agora que se reconhece livre e responsável. De nada adianta registrar o passado de um morto, de nada adianta se apegar às suas memórias de viagens, de Anny. É preciso que o personagem principal encontre um sentido para a sua própria existência, que ele construa dia a dia sua essência.

Por derradeiro, o desconforto gerado pela consciência plena da contingência não mais perturba Antoine, que prefere a angústia da responsabilidade das escolhas e do fazer-se a si mesmo. Já não sente saudade alguma do que deixou pelo caminho: uma existência cega e esquecida de si, sustentada na cômoda ilusão de uma essência e no desejo adquirido e partilhado de atender muito mais a projetos alheios e convenções sociais. Antoine liberta-se desse padrão, da má-fé em que se resguardava alheio a si, a ser

um “para si”; está sozinho e livre, e essa liberdade se assemelha um pouco à morte. Antoine prefere a angústia da responsabilidade das escolhas:

Como me sinto longe deles, do alto dessa colina. Parece-me que pertenço a uma outra espécie. Eles estão saindo dos escritórios, depois de seu dia de trabalho, olham para as casas e para as praças com ar satisfeito, pensam que essa é a *sua* cidade, uma “bela urbe burguesa”. Não têm medo, sentem-se em casa. [...]. Eles são sossegados, um pouco taciturnos, pensam no Amanhã, isto é, simplesmente num novo hoje; as cidades dispõem apenas de um único dia, que retorna igualzinho todas as manhãs. Só o enfeitam um pouco aos domingos. Que imbecis! Repugna-me pensar que vou rever seus rostos espessos e tranquilos. Eles legislam, escrevem romances populistas, casam-se, comentem a extrema tolice de fazer filhos. (SARTRE, 2011, p. 209).

Roquentin parece agora declarar com certa alegria o quanto ele é diferente de todos aqueles burgueses que habitam Bouville, que se limitam a repetir os dias, sem assumir qualquer responsabilidade por suas escolhas, refugiando-se na má-fé e em determinismos. Todos que lá vivem fogem de sua liberdade, abdicam dela. Levam vidas convencionais, sem surpresas, sem novos desafios, sem nada para temerem. A Náusea parece não mais incomodar Antoine, que, após desvelar a contingência da existência, sente-se renovado e com coragem para redefinir o seu projeto.

Antoine é um homem novo, renascido de sua quase morte, na qual se soube um homem que antes preferia acreditar-se “ser-em-si” e que agora se sabe “ser-para-si”. Antoine se dá conta e aceita sua condição ontológica de ser inteiramente responsável por sua existência, com todas as implicâncias que isso advém, especialmente, a angústia, sem a qual não teria se sabido. Com essa certeza, Antoine parte de Bouville:

Cai a noite. No primeiro andar do hotel Printania duas janelas acabam de se iluminar. O canteiro de obras da Nova Estação cheira intensamente a madeira úmida: amanhã choverá em Bouville. (SARTRE, 2011, p. 234).

Roquentin parte para sua nova vida em Paris, com a certeza da contingência e da gratuidade de sua existência, sem temer sua condição existencial, na medida em que se libertou da alienação, tendo vivenciado esse processo que lhe possibilitou redefinir seu projeto e situar sua existência em um novo patamar. Note-se que ao vivenciar esse processo, o protagonista, unifica sua história em projeto, e, ao inteirar passado-presente-futuro, desenvolve compreensão ontológica e, por consequência, sentido em seu ser, o que

significa dizer que apesar da constatação de que o passado não pode determinar nem justificar o seu presente, é a partir do projeto de seu fim que ele determinará suas escolhas futuras, a partir de seu engajamento responsável com a sua própria vida. Antoine decide se mudar para Paris, com o intuito de escrever um livro de ficção e deixa Bouville para sempre.

CONCLUSÃO

A escolha por tratar do conceito de angústia em Sartre, optando-se por analisar sua obra literária *A Náusea*, bem como alguns de seus ensaios filosóficos, teve como objetivo principal tornar mais sensíveis determinados preceitos sartrianos, de modo a possibilitar uma experimentação de pontos cruciais de sua filosofia.

Neste sentido é que se aproveitou da literatura como meio de vivenciar as experiências de Antonie Roquetim em *A Náusea* – obra em que é retratada, em forma de diário, a transformação do protagonista de um “ser-em-si” em um “ser-para-si”, cabendo salientar que isso se opera por meio de um árduo processo, sem via de retorno, e onde há o reconhecimento indubitável de que a existência precede a essência. Sem essência que limite por seus contornos as ações humanas, o homem é liberdade, constrói-se, faz-se a cada minuto e a cada ação, mesmo quando se omite.

Note-se que a liberdade é o ponto nevrálgico do pensamento sartriano, cabendo deixar claro que a liberdade não é uma conquista ou um atributo, é antes de tudo condição da existência e, portanto, constitui-se na origem do “para-si”; sendo que a liberdade realiza-se na ação intencional, ou seja, na escolha, ato q/ue o homem não pode se negar, e nesse exercício o homem se faz constantemente e também faz a humanidade, porquanto, ao escolher elege e instaura um modo de ser para os outros homens.

Resta claro pelo exame do estudo em questão que a liberdade gera ao homem despido de má-fé, a angústia, especialmente pelo peso das escolhas e suas implicações, sendo fundamental repetir que as críticas dirigidas ao existencialismo, em grande parte dá-se pela pouca apreensão de seus conceitos, porquanto um olhar apurado ratifica, parafraseando Sartre, que o existencialismo devolve ao homem o que é dele.

BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

ABRAHÃO, T. H. C. (2013). **Liberdade e engajamento na teoria literária de J.-P. Sartre**. Anais do SILEL. Vol: 3, Número 1. Acedido em: 14, fev, 2019, em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_180.pdf.

ARALDI, E. (2007). **A melancolia e A Náusea de Jean-Paul Sartre**. Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line. Vol II. Acedido em: 19, mai, 2019, em: <http://132.248.9.34/hevila/Latinamericanjournaloffundamentalpsychopathology/2007/vol4/no1/8.pdf>.

ASTRUC, A.; CONTAT, M. **Sartre por ele mesmo**. Direção: Alexandre Astruc; Michel Contat: L'institut national de l'audiovisuel, 1976. (tempo: 3h, 09', 17").

BARATA, A. (2006). **La Nausée e a ontologia de L'Être e le Néant**. In: REIMÃO, Cassiano (org.). Jean-Paul Sartre: uma cultura da alteridade: filosofia e literatura. Lisboa: UNL, 2006, p. 41-52. Acedido em: 05, jul, 2019, em <http://www.existencialismo.uerj.br/pdf/sartre-nausea.pdf>.

BEAUVOIR, S. (1983). **A força da Idade**. 2ª ed., Livraria Bertrand. Lisboa.

BORNHEIM, G. (1971). **Sartre: metafísica e existencialismo**. 2ª ed., Perspectiva. São Paulo.

CARMO, R. (2015). **Descartes e Sartre: reflexões acerca da liberdade**. Anais do Seminário dos Estudantes de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar. 11ª edição, 2015. Acedido em: 12, mai, 2019, em: <http://www.ufscar.br/~semppgfil/wp-content/uploads/2012/04/Roberta-do-Carmo.pdf>.

DIAZ, L. A. M. (2017). **Roquentin, contingência e Náusea**. Eleuthería: Revista do Curso de Filosofia. Vol 02, 2017. Acedido em: 18, abr, 2019, em: <http://seer.ufms.br/index.php/reveleu/article/view/4135>.

FUJIWARA, G. (2015). **Filosofia & Literatura, Linguagem literária & linguagem filosófica: entre Sartre e Deleuze**. Sofia: Dossiê Filosofia francesa e contemporânea. Vol.

4, n. 2 (2015). Acedido em: 05, jan, 2019, em: <http://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/11500/8127>.

JUNIOR, C. A. V; ARDANS-BONIFÁCIO, H. O; ROSO, A. (2016). **A construção do sujeito na perspectiva de Jean-Paul Sartre**. *Revista Subjetividades*. Vol: 16. Acedido em: 20, abr, 2019, em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/4857>.

MONNIN, N. (2017) **Sartre**. Tradução de Nícia Adan Bonatti. Série Figuras do Saber. 1ª ed., Estação Liberdade. São Paulo.

MORAVIA, S. (1985) **Sartre**. 1ª ed., Edições 70. Lisboa.

MORO, A. (2007). **Filosofía y literatura em Sartre**. *Rev. Filosofía Univ. Costa Rica*, XLV (104). Acedido em: 02,mar, 2018, em: <https://docplayer.es/21669667-Filosofia-y-literatura-en-sartre.html>.

NOGARE, P. D. (1985) **Humanismo e anti-humanismo: introdução à antropologia filosófica**. 10ª ed., Vozes. Rio de Janeiro.

PESSOA, F. (2006) **Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda livros na cidade de Lisboa**. 5ª ed., Companhia das Letras. São Paulo.

PRATA, T. A. (2013). **Linguagem e imaginação: a filosofia da literatura nos primeiros escritos de Sartre**. *A Palo Seco: Escritos de Filosofia e Literatura*. Vol. 02, n. 5. Acedido em: 10, jun, 2018, em: <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/5130/pdf>.

REALE, G.; ANTISERI, D. (1991) **História da filosofia**. Vol.III. 3ª ed., Paulinas. São Paulo.

SARTRE, J. P. (1973) **O existencialismo é um humanismo**. Série Os Pensadores. Tradução de Virgílio Ferreira. 1ª ed., Abril Cultural. São Paulo.

SARTRE, J. P. (1977) **Entre quatro paredes**. Tradução de Guilherme de Almeida. 1ª ed., Abril Cultural. São Paulo.

SARTRE, J. P. (2005) **Os caminhos da liberdade 1 : A idade da razão**. Tradução de Sérgio Millet. 4ª ed., Nova Fronteira. Rio de Janeiro.

SARTRE, J. P. (2005) . **Situações I: Críticas literárias**. Tradução de Cristina Prado. 1ªed., Cosacnaify. São Paulo.

SARTRE, J. P. (2010) **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. 4ª ed., Vozes. Rio de Janeiro.

SARTRE, J. P. (2011) **A náusea**. Tradução de Rita Braga. Edição especial, Nova Fronteira. Rio de Janeiro.

SARTRE, J. P. (2012) **O muro: contos**. Tradução de H. Alcântara Silveira. Edição Especial, Vozes. Rio de Janeiro.

SARTRE, J. P. (2013) **O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. 22ª ed., Vozes. Rio de Janeiro.

SARTRE, J.P. (1947). **I Discovered Jazz In America**. Saturday Review Of Literature. New York, p. 48- 49. 29 nov. 1947. Acedido em 01/Jul/2019. Disponível em: <https://www.unz.com/print/SaturdayRev-1947nov29-00048/>

SCHNEIDER, D. R. (2006). **A Náusea e a psicologia clínica: interações entre literatura e filosofia em Sartre**. Periódicos eletrônicos em Psicologia. Vol.6. Acedido em: 15/jun/2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1808-42812006000200005&lng=pt&nrm=iso

SILVA, F. L. (2013) **Sartre e o humanismo**. 1ª ed., Barcarolla. São Paulo.

SILVA, F.L. (2004) **Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. 1ª ed., UNESP. São Paulo.

SILVA, L. D. (2006). **Filosofia, Literatura e Dramaturgia: liberdade e situação em Sartre**. Dois Pontos: Revista dos Departamentos de Filosofia da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Federal de São Carlos. v. 3, n. 2 (2006). Acedido em: 09, abr, 2018, em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/6506/4674>.

WEIDMANN, A.A. (2016). **O efeito do jazz em A Náusea de Jean-Paul Sartre**. Arte Filosofia. Vol.: 21. Acedido em: 05/jan/2019. Disponível em:
<https://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/433>.